Dia 4 — A Comemoração dos Fiéis Defuntos

É de fé que os fiéis que morrem em graça sem terem satisfeito suficientemente nesta vida pelas penas devidas a suas culpas satisfazem por elas na outra, padecendo terríveis tormentos no purgatório.

Os hereges destes últimos tempos, inimigos da penitência, não contentes com desterrá-la desta vida, excluíram-na também da outra; e, cegando-os o amor à dissolução, tanto do coração como dos costumes, conspiraram a negar o purgatório contra o testemunho autêntico da sagrada Escritura e da tradição; isto é, não querem confessar que padeçam penas algumas aquelas almas que passaram desta vida à outra sem estar bastantemente purificadas para entrar desde logo no céu. Se cressem isto, considerar-se-iam obrigados a mortificar-se, a macerar sua carne, a cumprir as penitências que lhes foram impostas; e isto não se compunha bem com a licença a que aspiravam, sendo esta a verdadeira origem de todos os seus erros. Contudo é certo que não há ponto melhor estabelecido nem mais claramente demonstrado, tanto na Escritura como na tradição.

É coisa santa e saudável rogar a Deus pelos defuntos para que sejam livres de seus pecados, diz o Espírito Santo no segundo livro dos Macabeus. Há alguns pecados, diz Cristo, que não se perdoam neste mundo nem no outro; o que não diria, comenta Santo Agostinho, se muitos não se perdoassem no outro. É certo que não se perdoam no céu, aonde não entra coisa manchada; tampouco se perdoam no inferno, de onde está desterrado todo perdão e toda misericórdia; portanto é preciso que só no purgatório se perdoem. São Paulo diz que alguns fiéis não se salvarão até que passem pelo fogo; e Santo Agostinho, São Cipriano, Santo Ambrósio, São Jerônimo e até o próprio Orígenes entendem esta passagem pelo fogo do purgatório. Grande dor é que haja homens tão preocupados do erro que se resistam a conhecer esta verdade.

Tampouco se pode pôr em dúvida a tradição do purgatório; porque esta é, e esta foi sempre, a doutrina de todas as igrejas do mundo desde Jesus Cristo até agora. Faz evidência deste ponto o testemunho autêntico dos santos Padres que floresceram em todos os séculos, pelo qual não só consta qual foi a fé da Igreja em todos os tempos sobre este artigo, mas também qual foi em todos os séculos sua ardente caridade e seu zelo pelo alívio dos fiéis defuntos.

São Gregório Nazianzeno, doutor da Igreja, que viveu no princípio do quarto século, no discurso sobre as santas luminárias, diz: «Nenhum homem há tão virtuoso, tão puro nem tão santo neste mundo que talvez não necessite purificar-se no outro pelo fogo: *In altero aro igne fortasse baptizabuntur.*»

São João Crisóstomo, uma das mais resplandecentes luminárias da Igreja, que floresceu pela metade do mesmo século, na homilia 21 sobre os Atos dos Apóstolos, diz: «Não penseis que são inúteis as orações, as esmolas e as ofertas que se fazem a Deus pelos defuntos: *Non frustra oblationes pro defunctis, non frustra preces, non frustra eleemosynæ.* O mesmo Deus foi quem instituiu entre os fiéis este piedoso comércio de caridade, para que reciprocamente nos ajudássemos uns aos outros: *Ut nos mutuum juvemus.* Não se contenta o ministro do altar com clamar ao Senhor, implorando sua misericórdia em favor dos que morreram na fé de Jesus Cristo: *Non simpliciter minister clamat pro his qui defuncti sunt in Christo:* oferece também por eles o divino sacrifício. Nós, pois, irmãos meus, convencidos desta verdade, consideremos quanto podemos aliviar aquelas aflitas almas: *Hæc scientes, consideremus quantas consolationes possumus mortuis, pro lacrymis, pro lamentis, pro monumentis præstare.* Não, não as aliviaremos nem com as lágrimas, nem com os suspiros, nem com os soberbos sepulcros, mas com as orações e com as esmolas que fizermos por elas: *Nempe eleemosynas, preces, orationes:* para que elas e nós cheguemos, pela graça e pela misericórdia de nosso Salvador, ao gozo da eterna bem-aventurança que nos está prometida: *Ut illi, et nos assequamur promissa bona, gratia et misericordia Unigeniti Filii,* etc.»

O mesmo São Crisóstomo, no terceiro sermão que pregou sobre a epístola do apóstolo São Paulo aos Filipenses: «Escutai, diz, como fala Deus: *Eu protegerei esta cidade por meu próprio amor e em consideração de meu servo Davi: Protegam urbem hanc propter me, et propter David servum meum.* Se a memória só de um homem justo pode tanto com Deus, quanto poderão as boas obras feitas pelo alívio dos que estão no purgatório? *Si sola justi memoria tantum valuit; ubi opera præterea pro mortuo fiunt, quid non poterunt?* Não sem razão nos manda o Apóstolo rogar pelos defuntos no augusto e tremendo mistério do altar: *Non frustra hæc ab apostolicis sunt legibus constituta, ut in venerandis atque horrificis mysteriis, memoria eorum fiat qui decesserunt.* Sabia bem o grande proveito que disto se lhes havia de seguir: *Noverat hinc multum ad illos lucri accedere, multum utilitatis.* Porque, quando o povo, junto com os sacerdotes, oferece ao Senhor este tremendo e adorável sacrifício, como pode deixar de mover o coração de Deus em favor dos defuntos por cujo alívio se lhe roga? *Eo enim tempore quo universus populus stat manibus pansis, ac cœtus sacerdotalis, et illud horrorem venerationis plenum incutiens sacrificium: quomodo Deum non placabunt pro istis orantes?* Falo só daqueles que morreram na fé depois de recebido o batismo: *Atque id quidem de his qui in fide decesserunt:* pois pelos catecúmenos defuntos não se pode oferecer o divino sacrifício: *Catechumeni neque hac dignantur consolatione:* por estes só se pode fazer oração e dar esmolas; caridade que lhes servirá de algum alívio e refrigério: *Licet pauperibus pro ipsis dare; atque hinc aliquid percipiunt refrigerationis.*»

Santo Agostinho, aquele insigne doutor da Igreja, que viveu também no mesmo século, tendo nascido no ano de 354, no livro do cuidado que se deve ter com os mortos, dirigido a seu amigo Paulino, presbítero de Milão, o mesmo que a rogo do santo escreveu a vida de Santo Ambrósio; Santo Agostinho, volto a dizer, respondendo a algumas dificuldades que este seu amigo lhe havia proposto sobre o cuidado dos defuntos, tanto em ordem ao corpo, dando-lhes sagrada sepultura, como em ordem à alma, fazendo oração por eles: «Há defuntos, diz o santo, a quem de nada servem as orações nem os sacrifícios, porque morreram em desgraça de Deus: *Sunt aliqui quos nihil omnino adjuvant ista, quorum tam mala sunt merita, ut neque talibus digni sint adjuvari.* Há outros que não necessitam deles, porque já gozam do Senhor na pátria celestial: *Quorum tam bona*

ut talibus non indigeant adjumentis. Mas muitos há que, havendo morrido em graça, sem terem satisfeito inteiramente o que deviam à divina justiça, pagam na outra vida o que não pagaram nesta, e a estes são de grande proveito as orações da Igreja: *Et ita fit ut neque ipsi sint sine adjutorio, quod Ecclesia quod potuerit religionis impendat.*»

«Lemos no livro dos Macabeus, continua o santo doutor, que se oferecia sacrifício pelos defuntos: *In Machabæorum libris legimus oblatum pro mortuis sacrificium.* Mas, ainda que não nos dessem este testemunho as Escrituras, bastaria para autorizá-lo a prática da Igreja universal; pois ninguém ignora que, quando o sacerdote oferece pelo povo o sacrifício do altar, sempre faz comemoração dos fiéis defuntos: *Ubi in precibus sacerdotis, quæ Domino Deo ad ejus altare funduntur, locum suum habet etiam commendatio mortuorum.*»

«Sendo isto assim, conclui o santo pelo fim do mesmo livro, não pensemos que possam aproveitar aos mortos senão as orações, os sacrifícios e as esmolas que fazemos por eles: *Quæ cum ita sint, non existimemus ad mortuos pro quibus curam gerimus pervenire, nisi quod pro eis sive altaris, sive orationum, sive eleemosynarum sacrificiis solemniter supplicamus.* Verdade é que não a todos aproveitam estes sufrágios, mas somente àqueles que em vida mereceram que lhes aproveitassem depois de sua morte: *Quibus non pro quibus fiunt omnibus prosunt, sed iis tantum quibus dum vivunt comparatur ut prosint.* Mas, como nós não podemos fazer esta distinção, oferecemos geralmente por todos os fiéis defuntos nossos sacrifícios, nossas esmolas e nossas orações, para que se aproveitem delas os que puderem: *Sed quia non discernimus qui sint, oportet ea pro regeneratis omnibus facere, ut nullus eorum prætermittatur, ad quos hæc beneficia possint et debeant pervenire.* E acrescenta o santo doutor que estes sufrágios cada um os deve fazer com mais particularidade por seus parentes, para que seus parentes os façam também por ele: *Diligentius tamen facit hæc quisque pro necessariis suis, ut pro illo fiat similiter a suis.*»

Seria longo referir aqui quanto dizem os demais santos Padres sobre a caridade que se deve ter com aquelas ditosas almas que, havendo morrido em graça, mas sem satisfazer inteiramente o que deviam à justiça de Deus, vão satisfazê-lo nas penas do purgatório. Pode-se ler o que diz Orígenes (autor que floresceu no segundo século) na homilia sexta sobre o Êxodo, na décima quarta sobre o Levítico e na décima segunda sobre Jeremias; o que São Cipriano (que viveu no terceiro) diz sobre o mesmo assunto em sua epístola a Antoniano; o que São Cirilo, patriarca de Jerusalém, diz na quinta Catequese; e, enfim, o que diz São Gregório de Nissa em seu discurso sobre os mortos e sobre as crianças. Leia-se também São Jerônimo no livro 2 contra Joviniano, São Paulino em sua epístola a Delfino, bispo de Bordéus, e outros muitos dos primeiros séculos, nos quais se verá a antiga tradição da Igreja desde o tempo dos sagrados Apóstolos sobre as orações e os sufrágios pelos defuntos; e o zelo com que em todo tempo exortaram os santos Padres todos os fiéis a que tivessem caridade com aquelas almas tão ditosas como aflitas.

O assombroso é que os hereges de nossos tempos não queiram reconhecer nisto seus erros, embora não ignorem nem possam ignorar a autoridade desta tradição; e que, apertado o mesmo Calvino com a força de tantos e tão evidentes testemunhos, tivesse desvergonha para dizer que todos os santos Padres, desde os Apóstolos até agora, se enganaram grosseiramente e caíram em erro: *Fatendum est in errorem fuisse abreptos*; ao mesmo tempo que em outros cem lugares assegura que a fé se conservou em sua pureza entre os Padres dos seis primeiros séculos.

Se são inescusáveis os hereges que não querem crer no purgatório, serão-no menos os cristãos que, crendo nele, se negam ou se esquecem de aliviar as almas de seus irmãos que estão padecendo tão cruéis penas naquele calabouço de tormentos? Que crueldade! Que impiedade, ter tão à mão o modo de aliviá-las, de abreviar suas penas, de libertá-las delas, e não querer fazer-lhes este importantíssimo bem! Meu Deus, quanto é de temer, e que justo será que algum dia digais a estes durísimos corações: *Nonne ergo oportuit et te misereri conservi tui?* «Dize-me: não era muita razão que tu te compadecesses de teu companheiro, de teu amigo, de teus irmãos, de tuas irmãs, de teu pai e de tua mãe? *Et iratus Dominus tradidit eum tortoribus, quoadusque redderet universum debitum.* E o Senhor, justamente irritado, te entregará aos ministros de sua divina justiça para que te atormentem até que lhe pagues tudo o que lhe deves, até o último ceitil: *Judicium enim sine misericordia illi qui non fecit misericordiam;* porque àquele que não teve misericórdia nem compaixão dos outros é muito devido que se o julgue sem compaixão e sem misericórdia.»

São Francisco Caracciolo, Fundador dos Clérigos Regulares Menores

Este santo, que enriqueceu a Igreja com uma nova ordem religiosa, nasceu em 1563 na Itália, de uma família ilustre, e desde a infância deu provas nada equívocas de sua santidade futura. Na idade de vinte e dois anos foi afligido de uma fedorenta lepra que por pouco o arrebatou, e fez voto a Deus de consagrar-se todo a Sua Majestade se recobrasse a saúde. Alcançou-a com efeito, foi logo a Nápoles, estudou a sagrada teologia e recebeu as sagradas ordens. Em 1588 fez conhecimento com um nobre genovês chamado Agostinho Adorno e resolveu com ele plantar uma nova ordem de eclesiásticos que, sem prejuízo de saborear as doçuras da vida contemplativa, se dedicassem com esmero às tarefas da vida apostólica.

Tendo amadurecido de comum acordo seu projeto entre os Camaldulenses de Nápoles e agregado-se um terceiro companheiro, chamado também Caracciolo, foram os três apresentar-se ao papa Sisto V para manifestar-lhe o projeto que tinham. Mandou o Padre Santo examiná-lo e aprovou-o, dando-lhe o nome de Congregação dos Clérigos Regulares Menores. Conseguida a aprovação, foram a Nápoles os virtuosos fundadores, onde compraram uma casa e uma igreja e começaram a receber noviços.

O alvo de seu instituto é visitar os hospitais e os cárceres, pregar, confessar e instruir a juventude. Mas os que são dados à solidão vivem em ermidas entregues à contemplação. Logo os sazonados frutos que produziu a nascente ordem chamaram a atenção dos bispos; e o instituto começou a propagar-se pela Espanha e Portugal. Não deixou, contudo, de achar algumas dificuldades naquele primeiro país, e Francisco passou lá para aplainá-las. Nomeado superior-geral da ordem por morte

de Adorno, empregou-se o santo varão com o zelo mais ardente em fazer prosperar a nova religião. É verdade que teve muitos males e até perseguições que padecer; mas também provou grandes consolos e foi honrado por muitos monarcas, pelos muitos esclarecidos milagres que obrou, indícios de sua grande santidade e fundamento de sua grande nomeada. Sendo ele superior, era tão simples que exercitava os atos mais humildes, como varrer os aposentos, servir na cozinha, assistir aos enfermos e fazer-lhes as camas.

Sua preciosa morte teve lugar a quatro de junho de 1608, na idade de somente quarenta e quatro anos. Seu corpo foi trasladado à casa matriz de Nápoles. Clemente XIV o beatificou, e o papa Pio VII o canonizou em 24 de maio de 1807; cuja bula de canonização pode ler-se no tomo quarto da história das ordens religiosas por Helyot.

Martirológio Romano

Em Roma, os santos mártires Arécio e Daciano. Em Sisseck, na Ilíria, São Quirino, bispo, que sob o presidente Galério, como refere Prudêncio, foi precipitado ao rio com uma pedra de moinho atada ao pescoço; mas, nadando a pedra como uma cortiça, depois de ter exortado largo tempo os cristãos que o rodeavam a não se atemorizarem de seu suplício e a não vacilarem na fé, alcançou de Deus com sua oração que a pedra se submergisse, a fim de conseguir a glória do martírio.

Em Bréscia, São Clateo, bispo e mártir, no tempo de Nero.

Na Panônia, os santos mártires Rutilo e companheiros.

Em Arras, Santa Saturnina, virgem e mártir.

Em Tivoli, São Quirino, mártir.

Em Constantinopla, São Metrófanes, bispo e grande confessor.

Em Milevo, na Numídia, Santo Optato, bispo, ilustre por sua ciência e santidade.

Em Verona, Santo Alexandre, bispo.

Na Baixa Bretanha, Santa Nenoca, virgem, fundadora de um mosteiro.

Perto de Chambéry, São Concórdio, venerado naquele povo como bispo estrangeiro.

Em Espoleto, São Marcial, bispo.

No mesmo dia, o martírio de São Espergêncio e de muitos outros de ambos os sexos.

Em Nion, os santos mártires Zótico, Átalo e Eutiques.

No Egito, Santa Bistâmona, martirizada com outros quatro.

Na dita região, Santo Alvimo, abade.

Em Agnone, no Abruzzo, o falecimento do santo presbítero Francisco Caracciolo, fundador da ordem dos Clérigos Regulares Menores, posto no número dos santos por Pio VII.

Missa (oração)

A missa é a cotidiana de defuntos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Fidelium, Deus, omnium conditor et redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum remissionem cunctorum tribue peccatorum: ut indulgentiam, quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, criador e redentor de todos os fiéis, concedei às almas de vossos servos e servas a remissão de todos os seus pecados, para que obtenham pelas piedosas orações de vossa Igreja o perdão que sempre desejaram. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 14 do Apocalipse.

Apocalipse 14,13

> **Latim:** 13 Et audivi vocem de cælo, dicentem mihi : Scribe : Beati mortui qui in Domino moriuntur. Amodo jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis : opera enim illorum sequuntur illos.

Português: 13 Então ouvi eu huma voz do ceo, que me dizia: Escreve: Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor. De hoje em diante, diz o Espirito, que descancem dos seus trabalhos, porque as obras d’elles os seguem.

Nota

«O Apocalipse, ou livro das revelações com que favoreceu Deus a São João em seu desterro na ilha de Patmos, contém em 22 capítulos uma profecia geral do estado da Igreja desde a Ascensão de Cristo até o dia do juízo final, e é como a chave de toda a sagrada Escritura.»

Reflexões

Amodo jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis: agora lhes diz o Espírito que descansem de todos os seus trabalhos. Não é esta vida o tempo do descanso. Nasceu o homem para o trabalho, e é a vida um mar agitado de contínuas ondas. É uma perpétua navegação; que tempestades se hão de experimentar! Que escolhos, que borrascas, que naufrágios se devem temer! É uma contínua guerra; que combates se hão de dar! Que assaltos se hão de sofrer! Que estratagemas, que ardis do inimigo se hão de precaver! Quantos gêneros de inimigos há que superar! É preciso estar sempre de sentinela contra os sentidos. O primeiro traidor é nosso próprio coração; conspiram quase todas as criaturas para ganhá-lo e corrompê-lo; o amor-próprio é nosso maior inimigo; o mundo tem jurada nossa perdição. Em tão triste, em tão perigosa situação, como podemos descuidar-nos, entregues a uma ociosa segurança? E que sorte será a daqueles homens preguiçosos que passam os dias inteiros numa perpétua inação? Não é o mundo lugar de repouso. Quão caro custou às virgens néscias um breve rato de sono! Ao servo frouxo e preguiçoso quanto lhe custou sua preguiça! Sobretudo, o tempo do trabalho é curto, e a uns poucos dias laboriosos seguir-se-á uma eternidade doce, tranquila e sossegada. Só o céu é lugar de descanso, onde reina uma eterna calma. Logo que entra a alma no gozo de seu Senhor, acabaram-se os cuidados, as inquietações, os afãs, os pesares; tudo se desterrou, tudo se esqueceu naquela ditosa mansão; e, se se faz alguma memória disso, é para que a alegria presente seja mais pura e a quietude mais deliciosa. Os empregos mais elevados do mundo são os que ordinariamente estão mais expostos às tormentas e às tempestades; nos vales há mais abrigo que nos cumes; mas também neles se devem sempre temer as inundações. As honras, as riquezas, as dignidades, os empregos de maior ruído, todas são cargas muito pesadas; e tanto que, por mais que se faça, é preciso gemer debaixo delas. Em tudo quanto há criado encontra-se um vazio que desgosta. Só no céu a alegria é pura, os gostos cumpridos, os bens sólidos e a felicidade completa e eterna: *Opera enim illorum sequuntur illos.* É possível que um coração racional e um coração cristão possa ter outra ambição nem suspirar por outra fortuna?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São João.

João 6,51-55

> **Latim:** 51 Ego sum panis vivus, qui de cælo descendi. 52 Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita. 53 Litigabant ergo Judæi ad invicem, dicentes : Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum ? 54 Dixit ergo eis Jesus : Amen, amen dico vobis : nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis. 55 Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, habet vitam æternam : et ego resuscitabo eum in novissimo die.

Português: 51 Eu sou o pão vivo, que desci do ceo. 52 Se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente: e o pão, que eu darei, he a minha carne, para ser a vida do mundo. 53 Disputavão pois entre si os Judeos, dizendo: Como póde este dar-nos a comer a sua carne? 54 E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Senão comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. 55 O que come a minha carne, e bebe o meu sangue, tem a vida eterna: e eu o resuscitarei no ultimo dia.

Meditação

Da morte dos justos

Primeiro ponto

Considera que coisa tão doce é morrer quando se viveu bem. É a morte pena do pecado, que em rigor somente deve causar dor às almas manchadas com a culpa. Como pode deixar de encher de consolo e de alegria os que viveram num contínuo exercício das virtudes cristãs? Pode deixar de morrer contente o que morre santo?

«A morte dos justos (diz o Profeta) é preciosa aos olhos do Senhor»; é-lhe muito agradável. Tudo o que é precioso se estima; em qualquer parte em que esteja cuida-se muito disso. Mas que morram os justos destituídos de todo humano consolo, como um São Paulo, primeiro eremita, como um São Francisco Xavier; mas que morram de repente, nunca é imprevista sua morte, sempre tem Deus um cuidado deles muito particular. Como pode deixar de ser feliz uma morte tão preciosa? Com efeito, tudo deve contribuir, e tudo contribui para o consolo das almas justas naquela hora. Que consolo, que gosto não sente nela um homem que viveu cristamente, que se entregou à virtude, que se deu ao exercício da penitência! E a esperança do futuro, como pode deixar de mitigar as dores do estado presente?

Já, enfim, passou tudo o que parecia penoso no serviço de Deus: jejuns, retiro, penitências, mortificação, trabalhos, desprezos, rigores, austeridade; tudo se acabou; o bem e o mal igualmente se desvaneceram. Que consolo o daquela hora por não ter feito todo o mal que se

pôde! E que alegria por ter praticado todo o bem que se devia! E mais quando se traz à memória a dor que então se teria de não tê-lo praticado.

Por longo tempo que se tenha vivido, naquela hora representa-se como um só instante o espaço que correu entre o dia do nascimento e o último dia da vida. Pois como poderá alguém deixar de dar a si mesmo os parabéns por ter prevenido, por meio de uma santa vida, os cruéis remorsos que sentem os pecadores naquela hora?

«De que me servirá agora, diz um moribundo, ter brilhado, ter feito uma grande fortuna; ter tido amigos poderosos, ter possuído os primeiros empregos? De que me servirá ter-me achado em todas as diversões, ter sido homem de corte, ter seguido as máximas do mundo? Agora condeno, e condenarei por toda a eternidade, estas perniciosas máximas. De que me serviria tudo isto, se não tivesse trabalhado em minha salvação? Nem todos os bens nem todas as conexões do mundo são capazes de diferir minha morte por um só instante; desterrado estou já para sempre de todos os passatempos, de todos os concursos, de todos os gostos desta vida. Que consolo pode causar a memória dos entretenimentos passados, nem de todas as festas mundanas? Oh, e quão prudentemente obrei quando detestei a tempo aquilo que me havia de condenar por toda a eternidade! Ah, que no presente, quisesse ou não quisesse, tudo havia de deixar; havia de arrancar-me daqueles gostos, havia de romper aqueles laços! Que te parece? Não servirá de grande consolo, não causará um suavíssimo gozo havê-los feito em pedaços muito de antemão voluntariamente?»

Segundo ponto

Considera a impressão que fazem, tanto no ânimo como no coração de um moribundo justo, as reflexões que lhe ocorrem quando está para morrer, depois de ter tido uma vida verdadeiramente cristã.

«O ponto que se tratava era nada menos que de uma eternidade feliz ou de uma eternidade desditosa. Minha salvação era meu único negócio; ter manejado com acerto todos os demais e ter errado este seria tê-lo perdido tudo, e estive muito em perigo de errá-lo. Ai de mim se o tivesse desacertado! Este pensamento me estremece; mas acertei-o pela misericórdia de meu Deus. Ó Senhor, e quanto consola este pensamento!»

Representemo-nos um homem que vem de uma província muito distante para um negócio da maior consequência. Trata-se nele de nada menos que de sua honra, de sua fazenda e de sua vida; chega no tempo crítico para falar ao príncipe, para informar os juízes, para responder às acusações, para justificar sua causa; um dia ou duas horas mais que se tivesse detido, já chegava tarde; fechava-se o processo e condenava-se-o à morte sem remédio. Que gozo seria o deste homem por não se ter detido em festa nem em diversão no caminho! Pois que, se por ter feito aquela diligência se lhe proporciona uma grande fortuna; se vai ser cumulado de bens e de honras; se o declara o príncipe por seu valido ou por seu primeiro-ministro; que consolo, que gozo será o seu por ter chegado tão a tempo!

Arrepender-se-á então de não se ter detido a gozar algumas festas, ou de não ter desfrutado alguma maior comodidade com que pôde fazer a jornada, fazendo-a mais devagar? Sobretudo se chega a entender que tantos outros que faziam o mesmo caminho e se achavam no mesmo caso, ou por deixar-se vencer das importunas instâncias de seus falsos amigos, ou por ter feito muitas paradas, ou por querer caminhar com todas as conveniências, perderam o pleito e, para cúmulo de sua desdita, depois de perder toda a fazenda perderam também a vida numa afrontosa forca. Imagina, se é possível, pensamento de maior consolo, gozo mais puro nem mais sólido, satisfação mais completa. Pois tudo isto não é mais que uma imperfeita figura do que se passa na morte dos justos. Bom Deus, e que gosto é falar no porto dos perigos que se correram e ditosamente se evitaram no golfo! Duas horas depois da morte, quanto consolo causa a memória dos trabalhos que se padeceram por Deus durante o curso da vida! Veio jamais ao pensamento de um moribundo o arrepender-se de não ter seguido com mais ardor as loucas máximas do século; de não ter vivido com maior regalo; de ter feito uma vida demasiadamente cristã, recolhida e pura; de ter sido mais humilde, mais contido e mais mortificado do que fosse justo? Ao contrário, então se chora o muito tempo que se malogrou nas profanas diversões do mundo; chora-se o ter amado tanto a profanidade, a vaidade e os passatempos; chora-se o ter-se deixado tiranizar dos respeitos humanos. Ah! Acaso nossa vida está unicamente cheia de tudo aquilo que causa cruel dor, amargo arrependimento na hora da morte!

Não permitais, Senhor, que algum dia me sirvam de desconsolada matéria tão saudáveis e tão concludentes reflexões. Assisti-me com vossa divina graça para que viva como viveram os santos, a fim de morrer como os santos morreram e acompanhá-los depois na vida eterna da glória. Amém.

Jaculatórias

> *Beati mortui, qui in Domino moriuntur.* Ap 14.

Ditosos aqueles que morrem no Senhor.

> *Moriatur anima mea morte justorum, et fiant novissima mea horum similia.* Nm 23.

Morra eu com a morte dos justos, e seja o fim de minha vida semelhante em tudo ao seu.

Propósitos

1. Nenhum há que não deseje morrer com a morte dos justos, nenhum que não tenha inveja de sua ditosa sorte. A morte a todos nos iguala; por ela todos ficam a um nível. Classes, dignidades, empregos, nascimento ilustre: na morte tudo se acaba, todos estes títulos deixam de o ser, e então não há outros direitos que os que dá a virtude. Vida pura, devoção sólida, bondade exata, caridade sem mistura, mortificação contínua, observância constante: isto é o que consola, isto é o que se estima, isto o único que dá contento naquela última hora. E por que não será tudo isto o objeto da ambição e a matéria dos cuidados enquanto dura a vida? Todos convêm em que esta é a maior fortuna que se pode fazer; todos sabemos o segredo para fazê-la; todos temos em nossa mão os meios; por que razão não nos serviremos deles? Toma desde este mesmo ponto a generosa resolução de trabalhar eficazmente, com o auxílio da divina graça, em fazer esta grande fortuna. Seja de hoje em diante o objeto de tua nobre ambição a ditosa sorte dos santos. Dize a ti mesmo com frequência o que tantas vezes se repetia a si mesmo São Bernardo: «Convém morrer com a morte dos justos, mas para isso é preciso viver como eles.» Não empreendas coisa considerável sem examinar primeiro se será ou não conducente para alcançar uma santa morte. Ao despertar pelas manhãs, dize-te, como se dizia Santa Teresa: «Deus me dá este dia mais para merecer nele a eterna bem-aventurança.» Sempre que o relógio der as horas, repete o que dizia a mesma santa: «Já estamos uma hora mais perto da morte; queira Deus que seja santa.» Lembra-te de que a vida mais observante, mais mortificada, mais exemplar será inútil se não alcançares uma boa morte.

2. A congregação da boa morte está hoje muito estendida, não só em toda a Itália e na maior parte das cidades da França, mas também em muitas da Espanha; se a houver no povo onde resides, alista-te logo nela, pois não tem outro fim que facilitar os meios para que tenham uma ditosa morte todos os seus congregantes. Por ser isto o que importa mais a todos os fiéis, franquearam os sumos pontífices o tesouro da Igreja a todas essas piedosas fundações, que só obrigam a viver de maneira que se consiga a morte dos justos e a rogar incessantemente uns pelos outros para alcançar a graça de uma ditosa morte. Não malogres um meio de tanta importância e de tanto interesse teu.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:55 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:55 by Admin